



# Coração Aprisionado (The Billionaire Boss's Forbidden Mitress) Miranda Lee



***Ele podia comprar qualquer coisa...***

Quando Jack Pollack adquiriu a Beville Holdings, a beleza da recepcionista da empresa, Leah Johansscn, deixou-o hipnotizado, e ele percebeu que não descansaria até que a tivesse em sua cama!

***...menos o amor...***

Leah se sentiu atraída por aquele homem poderoso e viril, mas resistiu às suas investidas. Afinal, ela ocultava grandes segredos e temia que, quando ele os descobrisse, a rejeitasse. Poderia a atração entre eles vencer todas as barreiras e se transformar numa paixão avassaladora?

**Digitalização: Simone  
Ribeiro**



## **Revisão: Ster**

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II  
B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE BILLIONAIRE BOSS'S FORBIDEN MISTRESS

Copyright © 2006 by Miranda Lee  
Originalmente publicado em 2006  
por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM  
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:  
RR DONNELLEY

Tel.: (55XXII)2148-3500  
[www.rrdonnelley.com.br](http://www.rrdonnelley.com.br)

Distribuição exclusiva para bancas de jornal e revistas de todo o  
Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A  
Rua Teodoro da Silva, 907  
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o  
DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171,4° andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380



Correspondência para:  
Caixa Postal 8516  
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971  
Aos cuidados de Virgínia Rivera  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

## CAPÍTULO UM

LEAH nadou vinte voltas completas e, satisfeita com o exercício, foi para a margem e, apoiando-se no corrimão prateado da escada, saiu da piscina. Ao fazê-lo, olhou com desgosto a teia de cicatrizes no lado externo de sua coxa esquerda. Não desviou o olhar, como sempre fazia, mas se forçou a observá-las à luz forte do sol da manhã.

Estavam bem mais claras do que dois anos antes. Mas nunca desapareceriam, disse a si mesma enquanto pegava a toalha. Leah suspirou, desejando pela enésima vez não se incomodar tanto com aquelas marcas.

Parecia um absurdo sofrer tanto por causa de algumas cicatrizes, quando o acidente de carro que as produzira causara a morte de sua mãe. Nada se podia comparar àquela tragédia, nem mesmo o abandono de Carl, que a deixara totalmente arrasada, alguns meses depois do acidente.

Segurou a toalha e esfregou-a com força nas cicatrizes, enquanto se lembrava da expressão no rosto de Carl quando vira pela primeira vez sua perna depois do acidente. Ficara completamente revoltado. E sentira tanta repugnância que encontrara desculpas para não fazer amor com ela por semanas depois que saíra do hospital, até finalmente admitir que queria o divórcio, alegando que ela mudara.

Leah concordava que tinha mudado. Durante as longas e dolorosas semanas que ficara no hospital, descobrira uma nova pessoa em si mesma. Uma pessoa melhor, que gostava de pensar. Uma pessoa com mais caráter, mais empatia pelo próximo, mais compaixão.

Carl não gostara dessa Leah mais reflexiva, dizia que ela ficara séria demais e que não era mais divertido viver com ela. O argumento desesperado de Leah, de que acabara de perder a mãe, e que era natural que estivesse triste, não o impressionara.

Entendeu, finalmente, e com amargura, que a deserção de Carl nada tinha a ver com ela, mas com as cicatrizes e a conseqüente claudicação no andar.



## Coração Aprisionado - Miranda Lee Paixão 97

Bem, a claudicação desaparecera há muito, mas as cicatrizes ficariam para sempre: as da perna, as da mente e as do coração.

Acabara aceitando o abandono de Carl. Afinal, que mulher gostaria de estar casada com um homem que não tolerava uma esposa que não fosse perfeita fisicamente?

E, antes do acidente, ela fora, todos haviam lhe dito isso durante toda a vida. Leah era a imagem da mãe: uma loura natural com adoráveis olhos verdes, pele e dentes perfeitos e rosto e corpo lindos. Crescera pensando que seus bons genes durariam para sempre, assim como seu privilegiado estilo de vida.

Como filha única de um dos mais bem-sucedidos corretores da Bolsa de Sidney, nunca sentira falta de nada. Fora mimada a vida toda e sua criação a transformara em uma princesa da sociedade que achava que o mundo era seu. Trabalhar para viver nunca fizera parte dos planos de Leah Bloom. Tinha uma grande mesada e um cartão de crédito ilimitado. Por que trabalhar de 9h às 17h em algum emprego desagradável?

Quando as pessoas lhe perguntavam o que fazia, dizia que estava estudando para ser escritora, uma ambição menor que desenvolvera durante seu último ano na escola, quando o professor de inglês lhe deu parabéns por uma redação criativa. Até fizera um curso de redação de ficção, comprou um computador e começou a escrever um romance, que pouco mais era do que o diário do que fazia na vida real, o que significava que era muito tolo e vazio, como a própria Leah percebeu mais tarde.

Como poderia ser diferente? Sua vida *era* tola e vazia, cada dia preenchido com compras e almoços de caridade e horas nos salões de beleza, aprontando-se para as festas de cada noite. Quando fez 21 anos, freqüentara mais festas e *premières* do que seria capaz de contar.

Apaixonar-se por Carl e casar-se com ele fora como participar de uma festa que nunca acabava. Ele era atraente, charmoso e rico. *Muito* rico. A família dela não conhecia outro tipo de gente.

Carl tinha 30 anos quando se casaram, o único herdeiro de uma fortuna feita com diamantes. Ela tinha 23.

Estavam casados havia apenas seis meses quando sofrerá o acidente, muito pouco tempo para o amor de Carl acabar. Leah concluía, então, que ele nunca a amara, que fora uma esposa-troféu, uma espécie de decoração que gostava de exibir, um bem que valorizara apenas por ser perfeito.

Quando o bibelô apresentou um defeito, não o quis mais, jogou-o fora.

— A Sra. B. mandou dizer que o café-da-manhã estará pronto em dez minutos — gritou uma voz masculina.



Leah olhou para o pai, debruçado na varanda da suíte máster.

Vestido com seu roupão favorito de seda azul, bronzeado pelo sol que tomava ao nadar e velejar, parecia muito mais jovem do que seus 62 anos. Também mantinha a boa forma freqüentando sua própria academia em casa. Os cabelos cheios e cuidadosamente pintados de castanho também ajudavam.

— É só por isto que venho em casa todo fim de semana, sabia?  
— respondeu. — Por causa da comida da Sra. B.

O que era uma brincadeira, naturalmente. Ia em casa todo fim de semana para ficar com o pai e sentir de perto seu carinho,

Mas Leah não queria viver com ele 24 horas por dia, sete dias na semana. Joachim Bloom possuía uma personalidade dominante demais, e ela sabia que aceitaria tudo o que ele quisesse se ficasse junto dele, exatamente como acontecera com sua mãe. Os dois tinham sido muito felizes juntos, mas sabia bem quem mandava no relacionamento.

— Besteira! — respondeu o pai. — Está magra como uma vassoura.

— Não se pode ser magra demais.

— Ou rico demais — ele acrescentou. — O que me lembra filha, de que há uma coisa importante que quero discutir com você durante o café-da-manhã, portanto mexa a perna.

— A boa ou a defeituosa? — Fingir para o pai que não se incomodava muito com as cicatrizes se tornara um hábito.

Não queria que ele soubesse que o problema em sua perna ainda a fazia sofrer tanto quanto no princípio, e que as cicatrizes eram o motivo por que não ia mais à praia e não nadava em nenhum outro lugar a não ser em casa, onde não havia mais ninguém além do pai e da Sra. B.

— Muito engraçado — disse ele, sem sorrir, e entrou em seu quarto.

Leah jogou a toalha no ombro e encaminhou-se para o quarto também, um dos seis da mansão de dois pavimentos à beira-mar, onde crescera e que provavelmente valia milhões de dólares no mercado imobiliário.

Vaucluse era o melhor lugar para se viver nos subúrbios do leste de Sidney. Durante algum tempo, depois da morte da mãe, o pai pensara em vender a casa e comprar outra, mas Leah o convencera a não fazê-lo. E estava muito contente por isto. Era um conforto ficar junto às coisas de sua mãe, sentir sua presença nos aposentos.



## Coração Aprisionado - Miranda Lee Paixão 97

LEAH SABIA que eram aposentos muito belos, a casa era toda muito bela. Pensava nisso enquanto subia a escada em curva que levava ao segundo pavimento e aos quartos.

Depois, durante o banho de chuveiro, Leah ficou refletindo que talvez o pai não tivesse mudado de idéia sobre a casa, talvez ainda quisesse vendê-la, e este poderia ser o assunto que pretendia discutir com ela.

*Não vou deixar, pensou enquanto fechava a torneira. Vou brigar até o fim.*

Alguns minutos depois desceu correndo a escada, vestindo jeans azul-claro e blusa rosa, os longos cabelos molhados amarrados num rabo-de-cavalo.

O CORAÇÃO de Joachim bateu com mais força quando a filha entrou na sala do café-da-manhã. Como se parecia com a mãe! Era como se visse Isabel com vinte e poucos anos.

— Se acha que vai vender esta casa, papai — começou Leah agressiva, enquanto se sentava à mesa —, pode desistir.

Joachim suspirou. Parecida com a mãe fisicamente, mas não na personalidade. Isabel fora uma mulher suave e doce, sempre aceitando o que ele dizia, nunca reclamando.

Leah *parecia* suave e doce. Quando era mais jovem, até mesmo *fora* assim, mas nos últimos 18 meses se tornara mais determinada e muito independente. Não dura, exatamente, mas firme e direta.

*Mas, também, pensou quem podia culpá-la?* Carl era, em grande parte, responsável pelo que ela se tornara. Imagine, ser abandonada quando mais precisava dele. O homem era um canalha, um covarde. Joachim não o ajudaria nem se o encontrasse à beira da morte.

A filha tivera duas opções durante aquela fase terrível, afundar completamente na depressão ou se tornar mais dura.

Por algum tempo, ninguém poderia saber o resultado, pois não se passara tanto tempo, afinal, mas Joachim ficou muito orgulhoso quando Leah finalmente aceitou a nova realidade com coragem.

— Não, Leah — garantiu, sorrindo. — Não vou vender a casa. Sei como gosta dela.

O alívio de Leah foi apenas temporário. Então, sobre o *quê* o pai queria falar com ela?

— Então, o que é? — perguntou, pegando uma torrada. — Não vai começar a implicar comigo de novo porque trabalho, vai? Achei que estava orgulhoso de eu ter conseguido um emprego.

Talvez *surpreendido* descrevesse melhor a reação do pai. Quando Leah lhe dissera um ano antes que estava procurando



emprego, perguntara, assombrado, o que ela pensava que podia fazer.

— Até garçonetes precisam ter experiência!

Leah compreendeu seu ceticismo depois de fazer seu currículo. Porque não havia quase nada para pôr nele, exceto seu certificado do ensino médio, já que estudar não era prioridade na agenda de uma princesa da sociedade, e um curto curso de redação criativa. Não tinha qualificação alguma para trabalhar, a não ser suas habilidades sociais, sua beleza e o uso limitado do computador.

E por isto o único emprego que conseguiu foi o de recepcionista, depois de inúmeras entrevistas fracassadas.

Nem mesmo era numa das melhores empresas da cidade. Trabalhava para uma pequena firma que fabricava produtos de beleza. A fábrica e o setor administrativo ficavam no mesmo prédio em Ermington, um subúrbio industrial do oeste de Sidney.

— *Estou orgulhoso de você ter conseguido um emprego* — insistiu o pai. — Muito.

A conversa parou quando a Sra. B. entrou com um prato com ovos mexidos, bolinhos, tomates fritos e bacon.

— Parece delicioso, Sra. B. — comentou Leah. Mas sentia-se aliviada por tomar o café da manhã da governanta do pai apenas uma vez por semana, do contrário engordaria muito.

— Mas coma tudo — disse a Sra. B. com um olhar severo para Leah. — Você está magra demais, mocinha.

— Você não conseguirá outro marido com esta aparência — concordou o pai.

Leah poderia dizer que recusava diversos convites para sair toda semana, mas apenas sorriu com doçura e comeu até a Sra. B. deixar a sala. Então parou, pôs garfo e faca sobre a mesa e olhou com firmeza para o pai.

— Não tenho intenção de me casar de novo, papai.

— O quê? Por que não?

— Você sabe por que não.

— Os homens não são todos fracos como Carl — ele resmungou. — Você é uma bela moça, Leah, deve ter marido e filhos.

— Não quero discutir o assunto, papai. Só quero que saiba como me sinto para não ter que ouvir este tipo de comentário.

— Vai mudar de idéia. Um dia encontrará o homem certo, vocês se apaixonarão e pronto. A natureza seguirá seu caminho, escute o que estou dizendo.

Leah suprimiu um suspiro, escutara o que o pai dizia a vida toda. Ela o amava, mas nos últimos dois anos compreendera que



## Coração Aprisionado - Miranda Lee Paixão 97

era um mandão incorrigível que achava que sabia o que era melhor para todo mundo.

— Podemos mudar de assunto, por favor? — pediu, pegando um pedaço de bacon com a mão e mordendo-o. — Você queria conversar comigo sobre alguma coisa? Acho que não era sobre a possibilidade de eu casar de novo. Parecia que era algo sobre dinheiro. Por falar nisto, não comece a me dizer o que eu posso e não posso fazer com a renda do fundo. O dinheiro é meu, para fazer o que eu quiser. Mamãe não impôs condições no testamento. Se quiser, posso dar tudo. Não vou fazer isto *ainda*, preciso dele para complementar meu salário.

— Não me surpreendo — disse o pai. — Pelo que me lembro, você recebe uma ninharia.

— As operárias da fábrica ganham ainda menos — disse Leah. — E muitas delas criam os filhos com o salário que recebem. Meu objetivo é viver apenas com o que ganho. Fará bem ao meu caráter saber como vive grande parte da população. Só está demorando um pouco para meu gosto por champanhe combinar com minha renda mais adequada à cerveja. Agora, sobre o que queria conversar comigo? — perguntou, mordendo de novo o bacon.

— Coma primeiro, sei que está gostando. Conversamos depois, tomando café.

A CURIOSIDADE de Leah aumentara muito quando afastou o prato e pegou a xícara de café.

— Bem? — perguntou depois de tomar um pouco.

— Fale logo.

— O que você sabe sobre a aquisição de Beville Holdings?

— O quê? Quer dizer que já foi fechada? — perguntou Leah com alarme na voz. Até então houvera apenas rumores de uma possível venda. Mas muitos dos colegas dela estavam realmente preocupados.

Leah soubera por diversas fontes que, quando empresas eram compradas rapidamente, invariavelmente passavam por um período de "reestruturação". Conversara na sexta-feira anterior com um de seus colegas, um homem muito gentil, casado e com filhos pequenos, que lhe dissera que a nova administração geralmente adotava a política de demitir os funcionários mais recentes, sem pensar em sua capacidade.

Aparentemente, Peter perdera o emprego anterior por esse motivo e estava doente de preocupação e medo de que isto acontecesse de novo.

— Sim, o negócio foi fechado — confirmou o pai.





— Há um artigo sobre isso na seção de economia do jornal de domingo. E uma foto de seu novo patrão, Jason Pollack.

— Jason Pollack — repetiu Leah, sem reconhecer o nome. — Nunca ouvi falar dele. — Embora começasse a trabalhar tarde, Leah fora criada em meio a conversas sobre negociantes e financistas que sempre eram notícia nos jornais.

— Muita gente nunca ouviu — disse o pai. — Ele não costuma dar entrevistas, não gosta de aparecer.

— Quero ver — disse, e o pai lhe passou a página do jornal.

— Céus! — exclamou Leah, que esperava ver a foto de um homem gordo e de meia-idade.

Magnatas que compravam empresas raramente eram jovens assim, esbeltos assim ou bonitos assim.

Alguma coisa dentro de Leah apertou quando viu os olhos de Jason Pollack: castanho-escuros, profundos, sob sobrancelhas retas e tão duras quanto sua boca. O cabelo era negro e ondulado, penteado para trás. O nariz era reto, as narinas, abertas, o queixo, quadrado, com uma covinha no meio.

— Esta foto é antiga?

— Não. Se ler o artigo, vai ver que ele tem apenas 36 anos. Bonito, não é?

— Sem dúvida — disse Leah —, para quem gosta do tipo.

E ela, certamente, gostava. Não conseguia tirar os olhos dele. No entanto, não se parecia em nada com Carl, que era alto e louro, um gigante nórdico com uma aparência meio dura.

O rosto de Jason Pollack parecia o de um modelo, provavelmente por causa das feições bem talhadas e simétricas.

Mas ninguém o confundiria com um modelo. Havia alguma coisa nele que demonstrava que era indiscutivelmente um magnata. Maturidade no olhar, inteligência, algo que Leah achou atraente e irritante.

Irritante porque não queria se sentir atraída, de forma alguma, pelo novo dono de Beville Holdings, não queria achar nenhum homem atraente por muito, muito tempo.

— Como diabos ele teve tanto sucesso e ficou tão rico jovem assim? — perguntou com dureza. — Sei que não é dinheiro antigo, eu o teria conhecido, se fosse.

— Não, é um imigrante da Polônia, veio criança para cá com o pai depois que a mãe morreu no parto. Cresceu nos subúrbios do oeste e não frequentou a universidade. Começou a trabalhar em vendas logo que saiu da escola.

— Deve ter sido um vendedor *muito* bom para ficar tão rico em tão pouco tempo.



— Parece que sim, mas também se casou com uma mulher rica quando ainda não tinha 30 anos. Era viúva de seu primeiro empregador, dono da cadeia de lojas WhizzBiz Electronics. Jason Pollack se vendeu à nova patroa um ano depois de ela ficar viúva. Dois anos depois ela morreu de câncer e deixou sua grande fortuna ao adorado jovem marido. É verdade que então ele havia recuperado a empresa, que estava quase indo à falência. Depois da morte da mulher, vendeu a cadeia de lojas por uma fortuna, e esta se tornou sua marca. Compra empresas, recupera-as e depois as vende.

Joachim fez uma pausa, e continuou:

— Mas só faz isso se considera factível recuperar a empresa. — Leah ouvia olhando fixamente a foto de Jason Pollack. — No artigo, conta que numa ocasião, depois de ter acesso aos arquivos e aos funcionários de uma empresa que comprara, achou que uma operação de salvamento não compensaria. Então diminuiu as perdas, dissolveu a empresa e vendeu todos os ativos.

— Sem pensar nos pobres funcionários — disse ela, com desdém.

— Soube que deu a eles mais do que tinham direito.

— O que podia fazer sem prejuízo — disse ela com raiva, desviando os olhos da foto de Jason Pollack para ler o artigo. O homem devia valer bilhões! Morava atualmente na cobertura de um edifício no centro de Sidney.

— Talvez, mas não precisava fazer isto, Leah. Ele tem a reputação de ser muito justo. Beville Holdings não teve lucro nos últimos dois anos. E é sobre isto que quero conversar.

— Se Beville Holdings pode ser salva ou não? Por que quer saber?

— Acontece que tenho muitas ações de Beville Holdings, comprei-as dois anos atrás, quando valiam muito pouco. Seu valor vai aumentar?

— De acordo com este artigo, já subiram bastante.

— Sim, mas podem subir muito mais se Pollack fizer seu milagre habitual. Portanto, me diga filha, companhia pode ser recuperada ou o novo patrão vai vendê-la aos pedaços?

— Como diabos *eu* saberia? — respondeu Leah, devolvendo o jornal ao pai para parar de olhar a foto daquele homem infernal.

— Vamos, Leah, não seja modesta. Você é uma dessas garotas a quem as pessoas contam coisas, em quem confiam. Já vi isso muitas vezes. Você está na empresa há oito meses, aposto que sabe tudo o que está acontecendo lá. É inteligente e esperta quando quer.

— Não fui esperta quando me casei com Carl.



## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

